

BETH BRAIT  
MARIA CECÍLIA SOUZA-E-SILVA  
(ORGS.)

# Texto ou discurso?

*Vanessa Fonseca Barbosa*  
13/03/15

  
editora**contexto**

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

*Foto de capa*

Jaime Pinsky

*Montagem de capa*

Gustavo S. Vilas Boas

*Diagramação*

Estúdio Kenosis

*Preparação de textos*

Daniela Marini Iwamoto

*Revisão*

Flávia Portellada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Texto ou discurso? / organizadoras Beth Brait e  
Maria Cecília Souza-e-Silva. — São Paulo : Contexto, 2012.

Vários autores.

ISBN 978-85-7244-731-7

1. Análise do discurso 2. Linguística I. Brait, Beth.  
II. Souza-e-Silva, Maria Cecília.

12-06708

CDD-401.41

Índice para catálogo sistemático:

1. Teoria do discurso : Linguística 401.41

2012

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP

PABX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br

www.editoracontexto.com.br

# PERSPECTIVA DIALÓGICA

Beth Brait

Onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento.

*Bakhtin*

O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo.

*Bakhtin*

Mesmo que não se possa cobrir, neste ensaio, o largo espectro formado pela concepção de *texto* e *discurso* apresentada e desenvolvida ao longo dos trabalhos de Bakhtin e do *Círculo*,<sup>1</sup> é preciso reconhecer que esses dois conceitos concretizam a concepção bakhtiniana de linguagem, garantindo o lugar diferenciado desse pensamento linguístico-filosófico, atualmente mobilizado pela Linguística, Linguística Aplicada, por diferentes Análises de Discurso, pelos Estudos Literários e pelas ciências humanas em geral.

Apesar de sua importância e do papel central desempenhado na perspectiva bakhtiniana, eles ainda são pouco estudados e reconhecidos, motivando, muitas vezes, uma procura de equivalentes em outras vertentes, ou a substituição pelo conceito de *gênero*, como se *texto* e *discurso* não estivessem no coração da teoria, no centro vital da análise dialógica do discurso e de suas consequências teóricas e metodológicas, ai incluído o estudo de gêneros.

Para corresponder ao título deste ensaio e dimensionar bakhtinianamente o significado de texto e discurso para o Círculo, a reflexão aqui desenvolvida está organizada em dois segmentos. No primeiro, de caráter teórico, serão apresentados e articulados textos de diferentes momentos em que os dois conceitos estão formulados, com destaque para trabalhos assinados por Bakhtin e Voloshinov, em conjunto ou isoladamente.<sup>2</sup> “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, “Apontamentos 1970-1971”, “Metodologia das ciências humanas”, “Estudo das ideologias e filosofia da linguagem”, primeiro capítulo da primeira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (MFL) e a “A estrutura do enunciado”; “O discurso em Dostoiévski”, capítulo 5 de *Problemas da poética de Dostoiévski* (PPD) e, de passagem, “O autor e o herói na atividade estética”. Não se trata, portanto, de uma visão exaustiva, na medida em que outros trabalhos do Círculo mobilizam também os conceitos de texto e discurso. É importante, porém, observar a preocupação com esses conceitos e sua força na reflexão bakhtiniana, considerando, de maneira especial, a possibilidade de entendê-los a partir da combinatória de elementos situados em diferentes estudos do Círculo.

Nessa perspectiva, não se pode esquecer que os diferentes trabalhos produzidos por Bakhtin e pelos demais membros do Círculo, quando apreendidos em conjunto, oferecem conceitos centrais para se pensar a linguagem em suas múltiplas manifestações, e, ao mesmo tempo, procedimentos teórico-metodológicos para analisá-la e interpretá-la em contextos específicos, como se tentará demonstrar aqui. Como se verá, o conceito bakhtiniano de texto produzido pelos trabalhos de Bakhtin/Voloshinov afasta-se de uma concepção que o colocaria como autônomo, passível de ser compreendido somente por seus elementos linguísticos, por exemplo, ou pelas partes que o integram, para inseri-lo numa perspectiva mais ampla, ligada ao enunciado concreto que o abriga, a discursos que o constituem, a autoria individual ou coletiva, a destinatários próximos, reais ou imaginados, a esferas de produção, circulação e recepção, interação.

No segmento final deste ensaio, os conceitos de texto e discurso fundamentam a leitura e interpretação da letra de uma canção contemporânea: “Bola dividida”, letra e música de Luiz Ayrão, presente no CD *O coração do homem-bomba*, v. 1, de Zeca Baleiro.

Essa é uma análise e interpretação de texto

## O texto e sua dimensão semiótico-ideológica: produtividade na Linguística e em outras ciências humanas

Neste item, o objetivo é articular reflexões a respeito de texto e discurso desenvolvidas por Mikhail Bakhtin e Valentin V. Voloshinov em trabalhos de diferentes épocas. No que se refere a Bakhtin, o foco estará concentrado em três conjuntos de anotações, situadas entre as décadas de 1940, 1950 e 1960, que foram, no final dos anos 1970, após a morte do autor e sem sua revisão, publicadas na coletânea *Estética da criação verbal* (ECV). As questões que aqui aparecem serão confrontadas, com o objetivo de serem aprofundadas e esclarecidas, com as discussões empreendidas por Bakhtin/Voloshinov no primeiro capítulo de MFL, “Estudo das ideologias e filosofia da linguagem”, e também no artigo “A construção do enunciado”, assinado exclusivamente Voloshinov, publicado em Leningrado, em 1930, no número 3 da revista *Literaturnaja uchëba*.

O primeiro trabalho a ser destacado é “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”, conjunto de anotações feitas por Bakhtin entre 1959 e 1961, acessível ao público brasileiro a partir da excelente tradução de Paulo Bezerra. Logo no início, o autor afirma que sua investigação se situa nas zonas limítrofes entre a Linguística, a Filologia, a Teoria Literária e outras mais, portanto nas fronteiras de todas elas, especialmente porque considera o texto, oral ou escrito, como elemento fundante de todas.<sup>3</sup> E, nessa mesma página, apresenta uma definição pontual que resume, logo no início, o sentido perseguido ao longo da exposição: “texto no sentido amplo como qualquer conjunto coerente de signos”.

Essa definição precisa, que é desmembrada em seus detalhes ao longo da discussão empreendida por Bakhtin nessas notas, só pode ser completamente entendida, a nosso ver, a partir de MFL, obra datada de 1929, assinada Voloshinov na edição russa e Bakhtin e/ou Voloshinov, dependendo da tradução. A necessidade de recorrer às duas obras, para entender o conceito de texto, confirma a ideia de que, no conjunto dos estudos do Círculo, nenhum conceito significa isoladamente. Todos os termos – científicos, filosóficos, linguísticos, enunciativos, discursivos – ganham corpo na articulação com os demais.

Assim sendo, é necessário visitar o primeiro capítulo de MFL, intitulado “Estudo das ideologias e filosofia da linguagem” / “A ciência das ideologias e

Este texto contém elementos de natureza filosófica

filosofia da linguagem", para encontrar os fundamentos que levam à compreensão de texto no sentido amplo, ou seja, como qualquer conjunto coerente de signos, passível de ser entendido, portanto, como verbal, visual e/ou verbo-visual, embora a discussão esteja concentrada no verbal, com algumas menções aos demais.

O objetivo desse primeiro capítulo, sem dúvida, é mostrar o lugar da Filosofia da Linguagem na unidade da visão marxista do mundo. Para empreender essa discussão, logo no início o autor apresenta a importante questão do signo ideológico que, como a própria expressão sinaliza, ostenta dupla, inseparável e constitutiva dimensão: semiótica e ideológica. O conceito de signo ideológico, é insistentemente citado, mas nem sempre compreendido em sua totalidade, é o motor, o cerne que caracteriza e afeta todo o pensamento bakhtiniano, sua concepção de linguagem e de enfrentamento da relação homem/mundo, seja qual for a assinatura ostentada pelo trabalho e a época de sua produção.

Para circunscrever signo ideológico, o autor afirma: "Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não há ideologia."<sup>4</sup> Um pouco mais adiante, depois de concluir que existe um universo particular, o universo dos signos, e que "o domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos" e que são "mutuamente correspondentes", o autor afirma: "Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico."<sup>5</sup>

Retomando a definição de texto que aparece no início das notas de 1959/1961 - conjunto coerente de signos -, e articulando-a com a maneira como signo ideológico está definido em MFL, necessariamente a consequência será uma concepção semiótico-ideológica de texto. É justamente essa concepção de texto como conjunto coerente de signos ideológicos que percorre todos os escritos do Círculo, independentemente da disputa de assinaturas, assinalando um importante diferencial no que se refere à teoria/análise dialógica do discurso.

Há, ainda, dois momentos em MFL que podem ser destacados para reiterar esse conceito de texto, implicando a articulação entre materialidade semiótica e fenômeno ideológico. Um deles diz respeito ao momento em que o autor coloca domínio dos signos e esfera ideológica, ou campo da criatividade ideológica, como sinônimos, sublinhando que cada campo dispõe de sua própria função na vida social e que "No domínio dos signos, isto é, na esfera ideológica, é o caráter semiótico que coloca todos os fenômenos ideológicos sob a mesma

definição geral."<sup>6</sup> Nesse sentido, uma análise bakhtiniana não pode ignorar o caráter semiótico-ideológico dos textos, entendidos como organizações coerentes, conjuntos em que a associação materialidade signica-ideologia funciona como princípio organizador e revelador do domínio dos signos, da esfera ideológica, da produtividade na vida social, conforme postura filosófica e teórico-metodológica que toma signo ideológico como elemento seminal da linguagem, relacionado a sujeitos social e culturalmente constituídos.

Voltando ao ensaio "O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas", observa-se que ele oferece, além dessa pertinente contribuição, outros elementos também essenciais à concepção de texto. Esse é o caso das discussões em torno de autoria, fronteiras do texto, texto como enunciado, o problema de um segundo sujeito, o ponto de vista, as relações dialógicas, que podem ser assim resumidas, na busca do raciocínio do autor:

Todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Os possíveis tipos, modalidades e formas de autoria. [...] O problema das fronteiras do texto. O texto como enunciado. Dois elementos que determinam o texto como enunciado: a sua ideia (intenção) e a realização dessa intenção. As inter-relações dinâmicas desses elementos, a luta entre eles [...]. O problema do segundo sujeito, que reproduz (para esse ou outro fim, inclusive para a pesquisa) o texto (do outro) e cria um texto emoldurador (que comenta, avalia, objeta, etc.) [...]. O texto como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo. As relações dialógicas entre os textos e no interior de um texto. [...].<sup>7</sup>

Da mesma maneira que em outros trabalhos de Bakhtin, a questão da língua/linguagem é discutida em função dos conceitos que estão sendo foco de análise, destacando e, ao mesmo tempo, relativizando, o papel por ela desempenhado. Aqui não é diferente. O autor salienta, na relação texto/lingua/linguagem, o que é da ordem do repetível e do não repetível, aspecto fundamental para a compreensão de texto na visão do Círculo, como se constata no trecho que segue:

Dois polos do texto. Cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um dado grupo) de signos,

uma linguagem (ainda que seja a linguagem da arte). [...] Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo que pode ser repetido e reproduzido, tudo que pode ser dado fora do tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido [...] em relação a esse elemento, tudo que é suscetível de repetição e reprodução vem a ser material e meio [...] esse segundo elemento (polo) é inerente ao próprio texto, mas só se revela numa situação e na cadeia dos textos (na comunicação discursiva de dado campo). Esse polo está vinculado aos elementos (repetíveis) do sistema da língua (os signos), mas a outros textos (singulares), a relações dialógicas [...] peculiares.<sup>8</sup>

Essa dualidade constitutiva do texto expressa-se, por um lado, por meio da autoria, que se realiza não de maneira casual ou natural, mas por meio dos recursos do sistema de signos da língua, num contexto específico, de forma que "O acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos."<sup>9</sup> Definido o texto desse modo, Bakhtin ainda explicita o que está entendendo como o polo da linguagem - a dimensão que engloba a linguagem do autor, do gênero, da corrente, da época, à língua nacional - e, ao mesmo tempo, o significado de repetível e não repetível:

[...] é possível, evidentemente, a mesma repetição mecânica do texto (por exemplo, a cópia), mas a reprodução pelo sujeito (a retomada dele, a repetição da leitura, uma nova execução, uma citação) é um acontecimento novo e singular na vida do texto, o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva.<sup>10</sup>

Para complementar e ligar esses dois aspectos à proposta geral do trabalho, isto é, reiterar a natureza dialógica do texto e sua relação com a língua, Bakhtin afirma que "entre esses dois polos se dispõem todas as possíveis disciplinas humanísticas",<sup>11</sup> implicando, portanto, tanto as disciplinas características da Linguística (Fonética, Fonologia, Sintaxe, etc.) como aquelas que, de diferentes maneiras, incluem o discurso entre suas preocupações, caso, entre outras, da Metalinguística ou Análise/Teoria de Discursos. Nesse caminho, sinaliza para

dois outros conceitos ligados a texto: enunciado e discurso, que se articulam ao longo da discussão. No que se refere a enunciado,<sup>12</sup> considera que "em sua plenitude é informado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados".<sup>13</sup> Depois de discutir vários aspectos, incluindo importantes aspectos da compreensão, volta ao texto e à sua importância para as ciências humanas, afirmando que está interessado "nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação",<sup>14</sup> o que significa estabelecer um vínculo indissolúvel entre texto e enunciado concreto, completo, realizado.

E é na sequência dessas considerações que vai introduzir uma importante dimensão, a qual ele denomina "relações dialógicas entre os enunciados", cuja existência e natureza ele atribui à metalinguística ou, mais precisamente, "à indole metalinguística do enunciado (da produção do discurso)", afirmando que as forças metalinguísticas "determinam as fronteiras inabaláveis do enunciado".<sup>15</sup>

Como entender essas afirmações, lançadas como notas a serem concretizadas num momento posterior, ou seja, ao assumir a forma de trabalho articulado, concluído e pronto para publicação? Talvez a resposta esteja no diálogo com outro trabalho. Considerando que essas notas datam de 1959/1961, o que se constata é que coincidem com o momento em que Bakhtin estava preparando Problemas da poética de Dostoiévski, segunda edição revista, modificada, aumentada, que vem a público em 1963. Há, portanto, uma série de definições e caracterizações de metalinguística e de relações dialógicas, cujas especificidades serão apresentadas, mais adiante neste ensaio, no item referente ao conceito de discurso no capítulo 5 de PPD: "O discurso em Dostoiévski".

Antes da discussão detalhada desse capítulo, que trata especificamente de discurso e da maneira como deve ser compreendido e estudado, interessa, ainda, entender a interligação relações dialógicas-texto, na medida em que o autor faz questão de apresentar texto como uma dimensão linguística atualizada enquanto enunciado concreto, situado, aspecto que impede seu enfrentamento de uma perspectiva unicamente linguística. É importante reiterar essa afirmação porque, em diferentes momentos, Bakhtin suspeita do termo texto e o substitui por enunciado/enunciação, justamente por ele estar, em várias teorias, associado à dimensão unicamente linguística e estilística, autônoma, individual, sem possibilidade de ser colocado no circuito mais amplo da produção de sentidos, dimensão que se realiza no confronto de duas consciências, de dois interlocutores, de conjunção de discursos histórica, cultural e socialmente situados.

Por metalinguística pode-se entender, em "O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas", trabalho antecipador de PPD em vários aspectos, a dimensão do enunciado que extrapola o linguístico e que, necessariamente, o define como enunciado concreto, enunciação em situação e contextos de produção, circulação e recepção definidos. Nesse sentido, novas explicações sobre enunciado, interligado à metalinguística e relações dialógicas, são dadas pelo autor, retomando o que ele caracterizou como a bipolaridade (no sentido literal, e não médico...) do texto, apresentando reflexões sobre as fronteiras do enunciado, diretamente ligadas à dimensão metalinguística:

As relações dialógicas entre os enunciados [...] pertencem à metalinguística [...]. A índole metalinguística do enunciado (da produção do discurso). Essa relação difere, por natureza, das relações linguísticas existentes entre os elementos dentro do sistema da língua ou dentro do enunciado isolado. [...] O que determina as fronteiras inabalaíveis do enunciado? As forças metalinguísticas.<sup>16</sup>

Nesse percurso, apresenta mais algumas características do enunciado, também ligadas à relação com sujeitos, mundo, visão de mundo, valores, ou seja, concebido como um todo de sentidos, marcado por tensões, fronteiras, confronto de valores, pontos de vista. Seguindo o raciocínio desenvolvido até aqui, apresenta dois lados constitutivos da natureza do enunciado, aos quais ele vai denominar dado e criado, reiterando a ideia de linguagem em uso diferenciada de modelos de linguagem:

O dado e o criado no enunciado verbalizado. O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular e que, ainda por cima, tem relação com o valor [...]. Contudo, alguma coisa criada é sempre criada a partir de algo dado (a linguagem, o fenômeno observado da realidade, um sentimento vivenciado, o próprio sujeito falante, o acabado em sua visão de mundo, etc.). Todo dado se transforma em criado.<sup>17</sup>

Por mais que se afirme que determinados conceitos deslizem no conjunto das reflexões de Bakhtin, e esse é caso de texto, enunciado concreto e discurso, o

importante é observar de que maneira eles se interligam, se interdependem e apontam para uma maneira particular de entender a linguagem a partir de uma polémica aberta com a Linguística e com outras disciplinas formalistas, com o objetivo de instaurar o que hoje se pode entender como análise dialógica do discurso, como disciplina que tem nos textos e nos discursos o seu objeto.<sup>+</sup> Bakhtin considera a Linguística e a Metalinguística, disciplinas encarregadas do estudo da língua, da linguagem, do discurso, como não excludentes, na medida em que texto/discurso/língua/linguagem se interpenetram constitutivamente. Chama a atenção, entretanto, para a maneira como cada uma delas lida com o objeto de estudo. Ali onde a Linguística vai encontrar significado, conjunto de potencialidades previstas na língua, por exemplo, a Metalinguística vai se defrontar com sentidos dependentes da situação, dos contextos, dos sujeitos produtores e receptores, das esferas de comunicação, dos discursos em confronto, das relações dialógicas. Nessa direção, sinaliza para a perspectiva metodológica que deve reger o estudo do enunciado, cuja natureza não se confunde com uma unidade de nível superior às demais estudadas pela Linguística (fonema, morfema, frase), implicando, irremediavelmente, sujeitos, juízo de valor, compreensão responsiva:

O enunciado (enquanto plenitude do discurso) não pode ser reconhecido como unidade de nível último e superior ou andar da estrutura da língua (sobre a sintaxe), uma vez que ele faz parte de um mundo de relações inteiramente diversas (dialógicas), não confrontáveis com relações linguísticas de outros níveis [...]. O enunciado pleno já não é uma unidade da língua [...] mas uma unidade da comunicação discursiva, que não tem significado, mas sentido. (Isto é, um sentido pleno, relacionado com valor [...]) e que requer uma compreensão responsiva que inclui em si o juízo de valor). A compreensão responsiva do conjunto discursivo é sempre de índole dialógica.<sup>18</sup>

Ao terminar a leitura dessas anotações, percebe-se que, para falar de texto como realidade dos estudos da linguagem, quer os desenvolvidos pela Linguística, pelas Análises de Discurso, pelas ciências humanas em geral, Bakhtin mobiliza vários conceitos desenvolvidos pelo Círculo, em diferentes momentos, e, ao concluir que os enunciados totais são as unidades da comunicação discursiva, oferece reflexões até mesmo sobre a relação constitutiva com gêneros:

O enunciado como (produção de discurso) como um todo individual singular e historicamente único. Isso, evidentemente, não exclui a tipologia estilístico-composicional das produções de discurso. Existem os *gêneros do discurso* (cotidianos, retóricos, científicos literários, etc.). Os gêneros do discurso são modelos tipológicos de construção da totalidade discursiva. Entretanto, esses modelos de gênero diferem essencialmente dos modelos linguísticos de orações.<sup>19</sup>

Reiterando a ideia de que os conceitos, independentemente das autorias disputadas, não apenas circulam, mas também compõem eixos de interesse dos diferentes membros do Círculo, é necessário recorrer a mais um trabalho assinado Voloshinov: "A construção do enunciado".<sup>20</sup> Esse estudo, cujo título oscila, dependendo da tradução, entre "A construção da enunciação" ou "A construção do enunciado", foi publicado em Leningrado, em 1930, no número 3 da revista *Literaturnaya ucheba*, pp. 65-87. A data é importante porque demonstra que esse artigo está muito próximo da publicação de *Marxismo e filosofia da linguagem*, de 1929. Isso se percebe não apenas pela data de publicação, mas pelo fato de muitos dos conceitos aí presentes estarem tratados mais detidamente em *MFL*. Dividido em sete itens, o trabalho faz um exame detalhado do *enunciado na vida cotidiana e na literatura*: "Comunicação social e interação verbal"; "O discurso monológico e o discurso dialógico"; "O caráter dialógico do discurso interior"; "A orientação social do enunciado"; "A parte extraverbal (subentendida) do enunciado"; "Situação e forma do enunciado: entonação, escolha e disposição das palavras"; "Estilística do enunciado da vida cotidiana".

Somente pelos subtítulos, já é possível observar o interesse do trabalho, infelizmente pouco conhecido no Brasil, para a discussão a respeito da dimensão dialógica do enunciado, de sua constituição extraverbal, da relação entre forma e situação, aí incluídos a entonação e o estilo, das especificidades e as relações existentes entre linguagem interior e linguagem exterior, da questão do auditório. Assim, se para a concepção de *texto* e de *discurso* no pensamento bakhtiniano é fundamental entender a concepção de *enunciado/enunciação*, esse é o texto que deve ser conhecido em complementação a *MFL*.

### A concepção de *texto* dependente do *todo do enunciado*, nos "Apontamentos 1970-1971", e as fronteiras entre *texto* e *contexto*, na "Metodologia das ciências humanas"

Mais um trabalho de Bakhtin, "Apontamentos 1970-1971", apresenta a noção de *texto*, necessariamente ligada ao *todo do enunciado*. Não se trata de texto acabado, mas de um conjunto de anotações preparatórias para uma possível obra não realizada, recuperadas em arquivo, portanto não revistas pelo autor.

Nesse estudo, depois de discutir várias questões, incluindo riso e ironia, ele retoma algumas ideias apresentadas anteriormente, relacionadas a enunciado e texto:

O enunciado (produção de discurso) como um todo entra em um campo inteiramente novo da comunicação discursiva (como unidade desse novo campo) [...]. Esse campo é dirigido por uma lei específica e para ser estudado requer uma metodologia especial e, pode-se dizer francamente, uma ciência especial (uma disciplina científica).<sup>21</sup>

Essas observações, que sublinham a necessidade de disciplina e metodologia apropriadas (Metalinguística/Análise/Teoria Dialógica do Discurso) para o estudo do enunciado, são seguidas por uma afirmação que também reitera a concepção de *texto* não como unidade autônoma, mas ligada a uma rede de outros textos, enunciados, discursos: "O termo '*texto*' não corresponde de maneira nenhuma à essência do conjunto do *todo do enunciado*."<sup>22</sup> Assim, se um determinado texto, um editorial, por exemplo, for recortado do jornal em que apareceu, e se for analisado, interpretado, sem relação com os demais textos que compunham o jornal naquele dia, ou seja, as matérias do dia e/ou anteriores cujas temáticas ajudam a entender esse texto opinativo, a postura do jornal, o projeto gráfico em que estava inserido, dentre vários outros aspectos ligados à esfera de produção, circulação e recepção, esse texto não poderá ser considerado bakhtinianamente, isto é, como parte do *todo do enunciado* concreto, completo. Assim sendo, essa ligação *texto/enunciado* é fundamental para a compreensão do conceito de *texto*, da metodologia para enfrentá-lo e, ainda, de que, para o estudo e interpretação do *texto/enunciado*, há, necessariamente, o encontro de duas consciências:

Exemplo de uso dialógico

Não pode haver enunciado isolado. Ele sempre pressupõe enunciados que o antecedem e o sucedem. Nenhum enunciado pode ser o primeiro ou o último. Ele é apenas o elo na cadeia e fora dessa cadeia não pode ser estudado [...] Assim, a compreensão completa do texto: ela é ativa e criadora [...] A cocriação dos sujeitos da compreensão. [...] é impossível uma compreensão sem avaliação. [...] O sujeito da compreensão não pode excluir a possibilidade de mudança e até de renúncia aos seus pontos de vista e posições já prontos. No ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento.<sup>23</sup>

Com essa concepção ativa de texto, todo do enunciado, compreensão, Bakhtin discute um pouco mais a questão metodológica de enfrentamento do todo, pensado a partir dos elementos repetíveis e não repetíveis, já apresentados e discutidos, aqui retomados no que se refere à compreensão:

A compreensão dos elementos repetíveis e não repetíveis do todo. Identificação e encontro com o novo, o desconhecido. Esses dois momentos (o reconhecimento do repetível e a descoberta do novo) devem estar fundidos indissolúvelmente no ato vivo da compreensão: porque a não repetitividade do todo está refletida também em cada elemento repetível, coparticipante do todo (por assim dizer, é repetível-não-repetível). A diretriz exclusiva no reconhecimento, na busca apenas do conhecido (do que já existiu) não permite descobrir o novo (isto é, o principal, a totalidade não repetível). A metodologia da explicação e da interpretação se reduz com muita frequência a essa descoberta do repetível, ao reconhecimento do já conhecido [...].<sup>24</sup>

E, para completar esse quebra-cabeça do que vem a ser texto no pensamento bakhtiniano, é preciso recorrer, ainda, à “Metodologia das ciências humanas”, trabalho que tem origem, como informa Paulo Bezerra, “em um pequeno ensaio esboçado por Bakhtin entre fins dos anos 1930 e início dos anos 1940, denominado “Os fundamentos filosóficos das ciências humanas”.<sup>25</sup> Nele a relação entre texto, contexto, interpretação e comentário assume importante papel no conjunto das reflexões:

A questão dos limites do texto e do contexto. Cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos. O comentário. A índole dialógica desse correlacionamento. [...] a interpretação como correlacionamento com outros textos e reapreciação em um novo contexto (no meu, no atual, no futuro).<sup>26</sup>

Definindo a interpretação como movimento dialógico que tem como ponto de partida o texto, que só tem vida no contato com outro texto, o autor afirma que “esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados)”.<sup>27</sup> Observe-se que aqui texto está explicitado como enunciado, no sentido da totalidade discutida anteriormente.

Para a defesa de que no pensamento bakhtiniano há sugestão de metodologia de estudo da linguagem e definição do discurso como objeto de uma disciplina específica, um dos pontos de partida pode ser a necessidade sentida e exposta por Bakhtin de criação da *Metalinguística* ou *Translinguística*, conforme sugerida na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*, e à qual Paulo Bezerra, tradutor e estudioso de Bakhtin, se refere da seguinte maneira:

[...] no livro sobre Dostoiévski a metalinguística já se esboça como método de análise do discurso e hipótese de uma futura síntese da Filologia com a Filosofia, que Bakhtin imaginava como uma disciplina humana nova e específica capaz de reunir em contiguidade a Linguística, a Filosofia, a Antropologia e a Teoria da Literatura.<sup>28</sup>

Para confirmar essa ideia, basta observar o primeiro momento em que uma “análise/teoria dialógica do discurso” é proposta. No capítulo “O discurso em Dostoiévski”, Bakhtin afirma:

Intitulamos este capítulo “O discurso em Dostoiévski” porque temos em vista o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da Linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela Linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subsequentes não

são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na metalinguística, subentendendo-a como um estudo - ainda não constituído em disciplinas particulares definidas - daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam - de modo absolutamente legítimo - os limites da Linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a Linguística e devem aplicar os seus resultados. A Linguística e a Metalinguística estudam um mesmo fenómeno concreto, muito complexo e multifacético - o discurso -, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. Na prática, os limites entre elas são violados com muita frequência.<sup>29</sup>

Nessa primeira referência à nova disciplina, intitulada *Metalinguística*, a proposta metodológica para o estudo desse objeto complexo e de muitas faces, embora se ofereça como uma ótica diferenciada, não exclui a Linguística. Ao contrário: recomenda aplicar os seus resultados. Essa afirmação tem importância e consequências fundamentais para a análise/teoria dialógica do discurso que está sendo gestada. Bakhtin vai refinando a definição do objeto e as formas de concebê-lo e abordá-lo: o termo *discurso* é substituído por *relações dialógicas*, assim definidas: "As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da Metalinguística."<sup>30</sup>

Com essa definição, Bakhtin reveste o objeto a ser estudado pela *Metalinguística/Translinguística* com uma dimensão extralinguística, afirmando literalmente que as relações dialógicas são extralinguísticas. O que se observa é que é necessário considerar tanto a materialidade linguística, aquilo que pode ser considerado interno ao texto/discurso/enunciado, como a exterioridade, o extralinguístico incluído na complexidade do discurso, das relações dialógicas, esclarecidas um pouco mais.

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenómeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de

relações dialógicas [...]. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela Metalinguística, que ultrapassa os limites da Linguística e possui objeto autônomo e metas próprias.<sup>31</sup>

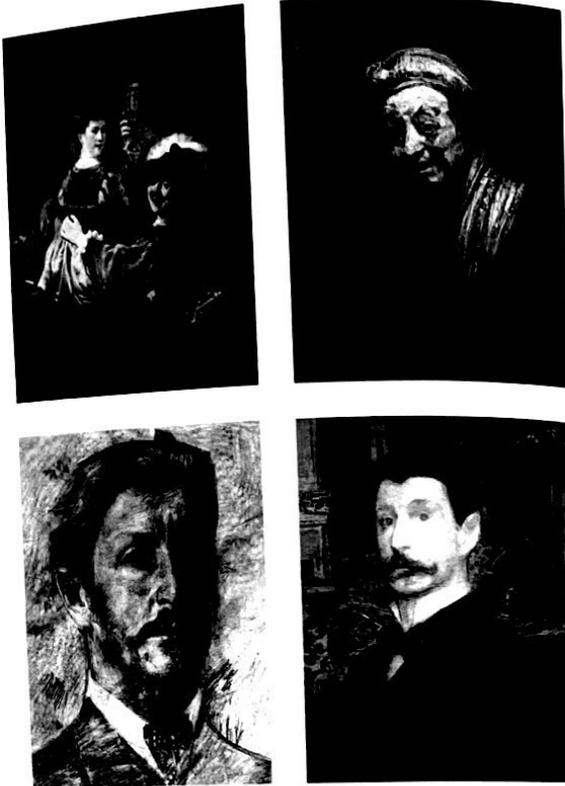
A ideia de uma *Metalinguística/Translinguística*, que tem nas relações dialógicas o seu objeto, é várias vezes recolocada nesse capítulo, confirmando, de diferentes maneiras, a especificidade da abordagem bakhtiniana do discurso, ou seja, sua proposta de encontrar caminhos teóricos, metodológicos e analíticos para desvendar a articulação constitutiva do que há de interno/externo na linguagem. Por exemplo, no seguinte trecho:

As relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas, mas são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria.

Para se tornarem dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem, como já dissemos, materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo da existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar autor, criador de dado enunciado cuja posição ela expressa.<sup>32</sup>

A abordagem do discurso não pode se dar somente a partir de um ponto de vista interno ou, ao contrário, de uma perspectiva exclusivamente externa. Excluir um dos polos é destruir o ponto de vista dialógico, proposto e explicitado pela teoria e pela análise, e dado como constitutivo da linguagem. É a bivalocidade de "dialógico", situado no objeto e na maneira de enfrentá-lo, que caracteriza a novidade da *Metalinguística/Translinguística* e de suas consequências para os estudos da linguagem.

Esse conceito, esboçado aqui de maneira concisa e radical, encontra apoio em vários escritos de Bakhtin e do Círculo. Dentre eles, para citar mais um, "O autor e a personagem na atividade estética".<sup>33</sup> Nesse ensaio, mais especificamente no capítulo II, intitulado "A forma espacial da personagem", Bakhtin, dentre outras questões fundamentais para análise da linguagem, trata da questão do *excedente de visão*, da imagem, do retrato, do autorretrato visual e verbal, isto é, da representação de si mesmo, momento em que o autor é personagem. Até mesmo a fotografia ganha uma curta referência.



Do pintor e gravador holandês Rembrandt (1606-1669), Bakhtin menciona um autorretrato que nas traduções para o português<sup>34</sup> e para o espanhol<sup>35</sup> é indicado como sendo o autorretrato “Rembrandt e Saskia na cena do Filho Pródigo na Taverna” (1635, óleo sobre tela, 161 x 131 cm, Gemäldegalerie Alte Meister, Dresden), e na tradução para o inglês,<sup>36</sup> o “Self-Portrait” de 1665 (“Autorretrato com pincel”, 1665, óleo sobre tela, 82,5 x 65 cm, Walraff-Richartz Museum, Colonia). Do pintor russo Mikhail Vrubel (1856-1910), Bakhtin menciona um autorretrato, que tanto pode ser o de 1904 (“Self-Portrait”, 1904,

Tretyakov Gallery, Moscou) como o de 1905 (Russian Museum, São Petersburgo). Não analisa nem coloca as obras no texto, mas os insere na discussão sobre o autor e personagem. Isso importa para fechar essa reflexão teórica com a ideia de que texto, enunciado concreto, enunciação e discurso não se referem unicamente à dimensão verbal da linguagem humana, mas incluem suas diversas dimensões e planos de expressão.

### Bola dividida: da teoria à prática e vice-versa

Com base nos pressupostos oferecidos pelo pensamento bakhtiniano, ao menos em alguns aspectos selecionados para a compreensão de *texto* e *discurso*, é possível apresentar uma leitura da letra da canção intitulada “Bola dividida”, de Luiz Ayrão, interpretada por Zeca Baleiro [CD Zeca Baleiro – *O coração do homem-bomba*]

Será que essa gente percebeu  
 que essa morena desse amigo meu  
 Tá me dando bola tão descontraida  
 Só que eu não vou em bola dividida  
 Pois se eu ganho a moça eu tenho o meu castigo  
 Se ela faz com ele vai fazer comigo  
 Se eu ganho a moça eu tenho o meu castigo  
 Se ela faz com ele vai fazer comigo  
 E vai fazer comigo exatamente igual  
 Ela é uma morena sensacional  
 Digna de um crime passional  
 E eu não quero ser manchete de jornal  
 Será que essa gente percebeu  
 que essa morena desse amigo meu  
 Tá me dando bola tão descontraida  
 Só que eu não quero que essa gente diga  
 Esse camarada se androginou  
 A moça deu bola a ele e ele nem ligou  
 Esse camarada se androginou  
 A moça deu bola a ele e ele nem ligou

Considerando o caráter semiótico-ideológico de todo texto, ou seja, uma organização coerente, um conjunto em que a associação materialidade signfica e ideológica funciona como princípio organizador, o título, parte integrante desse conjunto verbal, deve ser observado. "Bola dividida" é uma expressão que tem origem no discurso do esporte - mais especificamente, no discurso do futebol - e significa, como todos os conhecedores de futebol sabem, "bola disputada frente a frente, com risco de entrecoque" (Houaiss), jogada que se dá em momentos decisivos de uma partida. Encabeçando o texto, essa expressão dá em momentos decisivos, uma expectativa de jogo, de tensão, de divisão, de desencadeia, de imediato, uma expectativa de jogo, de tensão, de divisão, de momento decisivo. Essa dimensão confirma-se ao longo do texto, por meio da materialidade verbal, constituída, dentre outros elementos, por um universo léxico-discursivo específico e, também, pelos diferentes discursos que envolvem a produção de sentidos e de seus efeitos.

Se observada a narrativa instaurada pelo enunciador, é possível constatar que o texto é construído, de fato, como um jogo. Esse jogo é percebido pelo ouvinte (já que se trata de canção), pelo destinatário, como tendo três protagonistas. Primariamente, o enunciador, que se apresenta em primeira pessoa e instaura de imediato os outros dois. A expressão "Essa gente" remete a uma espécie de plateia dos "acontecimentos", invocada pelo enunciador, e que, desde o primeiro verso, se mostra como uma espécie de parâmetro para as decisões, para as atitudes a serem tomadas por ele. No primeiro e no segundo versos destaca-se a protagonista, o motivo do relato, das dúvidas do enunciador: "A morena desse amigo meu / Tô me dando bola tão descontrada".

Esses três protagonistas vão sendo interligados por diferentes discursos que provocam a tensão exposta pelo enunciador. O discurso da amizade, apoiado nas expressões "esse amigo meu", que provoca a afirmação "não entro em bola dividida"; o discurso da sedução que se entrelaça com o do futebol - "está me dando bola", expressão que pode ser pensada literalmente como pertencendo a um jogo de futebol, "me passou a bola" ou, num outro sentido, "dar bola a ou para alguém", que o Houaiss coloca como regionalismo brasileiro, de uso informal, que significa "dar confiança a alguém, enajar ou encorajar namoro com alguém".

O enunciador vai sendo construído pela tensão representada pelos discursos da sedução e da beleza, da amizade e, especialmente, pela dimensão moral representada pelo discurso que ele atribui à plateia e seu julgamento em relação às suas atitudes. A dimensão de um discurso moral, moralizante, sem

dúvida contamina o jogo discursivo em vários sentidos. Em relação à mulher, por meio do trecho "dando bola tão descontrada", associada à "morena de um amigo meu", qualificando negativamente a mulher; em relação ao enunciatador, que parece preocupar-se mais com a plateia do que com a amizade; e em relação à plateia, aos que o observam, definida como "essa gente", termômetro de suas decisões.

Um dos discursos que constrói o texto, seus possíveis sentidos, seus efeitos de sentido, é o discurso moralista, que se apresenta revestido pelo humor proporcionado pela sintaxe textual de jogo. É um discurso de fundo moral, por assim dizer, mas bastante ambíguo, em que pesa, em vários sentidos e de forma decisiva, a questão das aparências, de um jogo de percepções possíveis, dimensão em que o imaginário tem um forte papel. A ideia de divisão, ambiguidade, duplicidade, tensão, disputa, por sua vez, tem uma participação fundamental na constituição do acontecimento e do enunciador. A sequência "Se eu ganho a moça eu tenho o meu castigo / Se ela faz com ele vai fazer comigo / E vai fazer comigo exatamente igual / Ela é uma morena sensacional / Digna de um crime passionai / E eu não quero ser manchete de jornal" avança o jogo, por assim dizer, no sentido da avaliação do "ganhar a moça", ficar com a bola no lance da divisão, e, ao mesmo tempo, no sentido de descartar o discurso da amizade, em função de um discurso moralista ou falsamente moralista.

Há, de fato, várias camadas discursivas, vários discursos em confronto, fundando um típico jogo de sedução e moral, envolvendo um triângulo, e que se constrói a partir de expressões bivocalizadas, caso de "bola dividida", "dar bola", "ganhar a moça". Se, no início, o enunciador afirma que "não entra em bola dividida", sugerindo a ética da amizade, no final justifica a possível resolução do conflito, apelando para um discurso que, além de moralista, é marcadamente masculino, para não dizer machista, e está explicitado no seguinte trecho: "Só que eu não quero que essa gente diga / Esse camarada se androginou / A moça deu bola a ele e ele nem ligou". Mesmo sem analisar todos os aspectos argumentativos aí envolvidos, a criação do verbo *androginar*, reflexivo, fecha o conflito de forma discursivamente original, humorada e machista. A acepção do substantivo/adjetivo *andrógino*, se buscada em um dicionário, implica hermafrodita, do ponto de vista biológico, e, por derivação, por extensão de sentido, aquele que apresenta características, traços ou comportamentos imprecisos entre masculino e feminino ou que tem, notadamente, características do sexo oposto, ou ainda, bissexual.

Alguns aspectos da materialidade verbal ajudam a entender discursos que constroem esse texto, suas formas de ancoragem. Nesse caso, o jogo linguístico discursivo parte de "bola dividida" e chega ao criativo verbo "androginar-se". Em ambos, a ideia do duplo, da tensão, da alteridade, do confronto, interligam um percurso em que, curiosamente, a solução linguística não pertence a nenhuma comunidade específica e, por isso mesmo, mascara, mas não exclui, a decisão tomada em função da masculinidade observada em público. E o amigo fica de escanteio.

## NOTAS

- <sup>1</sup> O termo *Círculo*, que não foi utilizado no momento da produção das reflexões aqui mencionadas, refere-se ao conjunto de ideias e trabalhos produzidos por intelectuais russos que, pelo conjunto da obra, ostentam o que conhecemos como pensamento bakhtiniano. Participaram das diferentes fases do *Círculo*: Mikhail Bakhtin (1895-1975), Marvei Iseovich Kagan (1889-1937), Pavel Nikolaevich Medvedev (1891-1938), Lev Vasilievich Pumpianskii (1891-1940), Ivan Ivanovich Sollertinskii (1902-1944), Valentin Nikolaevich Voloshinov (1895-1936).
- <sup>2</sup> A autoria das obras, os autores que participaram da construção do pensamento bakhtiniano como o conhecemos hoje, será mencionada de acordo com a tradução utilizada.
- <sup>3</sup> Mikhail Bakhtin, 2003b, p. 307.
- <sup>4</sup> Mikhail Bakhtin (V. N. Volochinov), 1997, p. 31 [grifos do autor].
- <sup>5</sup> Idem, p. 32 [grifo do autor].
- <sup>6</sup> Idem, p. 42 [grifo do autor].
- <sup>7</sup> Mikhail Bakhtin, 2003b, pp. 308-9.
- <sup>8</sup> Idem, pp. 309-10.
- <sup>9</sup> Idem, p. 310.
- <sup>10</sup> Idem, p. 311.
- <sup>11</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>12</sup> Para o conhecimento aprofundado do conceito de enunciado, ver o excelente estudo de Geraldo Tadeu Souza (1999) e o artigo de Brait e Melo (2009).
- <sup>13</sup> Mikhail Bakhtin, 2003b, p. 313.
- <sup>14</sup> Idem, p. 319.
- <sup>15</sup> Idem, p. 320.
- <sup>16</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>17</sup> Idem, p. 326.
- <sup>18</sup> Idem, p. 332.
- <sup>19</sup> Idem, p. 334.
- <sup>20</sup> Ainda sem tradução em português, esse texto pode ser consultado em francês (Voloshinov, 1981), em inglês (Voloshinov/Bakhtin, 1983), em espanhol (Voloshinov/Bajtin, 1993).
- <sup>21</sup> Mikhail Bakhtin, 2003c, p. 371.
- <sup>22</sup> Idem, *ibidem*.
- <sup>23</sup> Idem, p. 371 e 378.
- <sup>24</sup> Idem, pp. 378-9.
- <sup>25</sup> Ver importante e esclarecedora nota do tradutor Paulo Bezerra em Bakhtin, 2003d, p. 393.
- <sup>26</sup> Mikhail Bakhtin, 2003d, pp. 400-1.
- <sup>27</sup> Idem, p. 401.
- <sup>28</sup> Paulo Bezerra, Prefácio à segunda edição brasileira, em Mikhail Bakhtin, 2008, p. X [grifos meus].
- <sup>29</sup> Mikhail Bakhtin, 2008, p. 207.
- <sup>30</sup> Idem, p. 208.
- <sup>31</sup> Idem, p. 209.

- <sup>32</sup> Idem, p. 210.
- <sup>33</sup> Mikhail Bakhtin, 2003a, pp. 3-192.
- <sup>34</sup> Idem, p. 428, nota 4.
- <sup>35</sup> Bajtin, 1982, p. 184, nota 4.
- <sup>36</sup> Holquist e Liapunov, 1990, p. 236, notas 51 e 52.

## BIBLIOGRAFIA

- AYRÃO, Luiz. *Bola dividida*. Interpretada por Zeca Baleiro. *O coração do homem-bomba*, v. 1, 2008.
- BAJTIN, M. M. Autor y personaje en la actividad estética. In: *Estética de la creación verbal*. Trad. Tatiana Bubnova. México: Siglo XXI, 1982, pp. 13-190.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, V. N.). Estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 8. ed. Trad. Michel Laud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997, pp. 31-8.
- BAKHTIN, Mikhail. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a, pp. 3-192.
- \_\_\_\_\_. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b, pp. 307-35.
- \_\_\_\_\_. Apontamentos de 1970-1971. In: *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003c, pp. 367-92.
- \_\_\_\_\_. Metodologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003d, pp. 393-421.
- \_\_\_\_\_. O discurso em Dostoiévski. In: *Problemas da poética de Dostoiévski*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2008, pp. 207-310. [1963 revisão e complementação do texto de 1929].
- \_\_\_\_\_. Author and hero in Aesthetic Activity (ca. 1920-1923). In: HOLQUIST, Michael; LIAPUNOV, Vadim (eds.). *Art and Answerability, Early Philosophical: Essays by M. M. Bakhtin*. Trad. Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990, pp. 4-256.
- BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: Brait, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 61-78.
- HOLQUIST, Michael; LIAPUNOV, Vadim (eds.). *Art and Answerability, Early Philosophical: Essays by M. M. Bakhtin*. Trad. Vadim Liapunov. Austin: University of Texas Press, 1990.
- SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do Círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev*. São Paulo: Humanitas, 1999.
- VOLOSHINOV, V. N. What is Language? In: SHUKMAN, Ann (ed.). *BakhtinSchool papers: Russian Poetics Translation*. v. 10. Trad. Noel Owen. Somerton: Old School House, 1983a, pp. 93-113.
- \_\_\_\_\_. The Word and its Social Function. In: SHUKMAN, Ann (ed.). *BakhtinSchool papers: Russian Poetics Translation*. v. 10. Trad. Joe Andrew. Somerton: Old School House, 1983b, pp. 139-52.
- VOLOSHINOV, V. N. Che cos'è il linguaggio?. In: \_\_\_\_\_. *Il linguaggio come pratica sociale. A cura di Augusto Ponzio*. Bari: Dedalo, 1980, pp. 61-94.
- \_\_\_\_\_. La Science des ideologies et la philosophie du langage. In: *Marxisme et philosophe du langage: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage*. Nouvelle édition bilingue traduite du russe par Patrick Sériot et Inna Tylkowski-Ageeva. Limoges: Lambert-Lucas, 2010, pp. 126-45.
- VOLOSHINOV, V. N. / BAKHTINE, M. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine le principe dialogique, suivi de Ecrits du Cercle de Bakhtin*. Paris: Du Seuil, 1981, pp. 287-315.
- VOLOSHINOV, V. N. / BAJTIN, M. La construcción de la enunciación. In: SILVESTRI, Adriana y BLANCK, Guillermo. *Bajtin y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993a, pp. 245-76.
- \_\_\_\_\_. Qué es el lenguaje?. In: SILVESTRI, Adriana; BLANCK, Guillermo (orgs.). *Bajtin y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993b, pp. 217-43.
- VOLOSHINOV, V. N. / BAKHTIN, M. M. The Construction of the Utterance. In: SHUKMAN, Ann (ed.). *Bakhtin School papers: Russian Poetics Translation*. v. 10. Trad. Noel Owen. Somerton: Old School House, 1983, pp.114-38.